

Clima "excelente" para acordo

O pagamento de US\$ 350 milhões dos juros vencidos de janeiro fez com que a reunião do Brasil com os bancos credores ganhasse um novo impulso para que um acordo de médio prazo seja assinado. A imprensa dos EUA elogia a atitude brasileira.

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O Brasil pagou aproximadamente US\$ 350 milhões dos US\$ 940 milhões de juros vencidos em janeiro, durante todo o dia de ontem, por causa da diferença de fusos horários entre os credores dos Estados Unidos, Europa, Oriente Médio e Japão, e continuou negociando um acordo de médio prazo em duas reuniões com seus credores, num novo clima qualificado como "excelente".

A imprensa norte-americana publicou com destaque a notícia de que o Brasil renunciou à estratégia da moratória adotada há um ano com este pagamento que é o quinto das últimas cinco semanas, somando US\$ 1,9 bilhão. O *Washington Post* que abre seu caderno de economia com o Brasil na manchete, cita um banqueiro norte-americano que diz: "O pagamento terá um efeito na maneira como os países devedores vêem o problema da dívida. Eles terão uma lição". No *New York Times*, a mesma preocupação é destacada: o Brasil tem o peso para influir "profundamente" como um exemplo para o Terceiro Mundo.

Para um funcionário do governo norte-americano, ouvido ontem pelo *Estado*, "o Brasil demonstrou que só pode pagar 1/3 dos juros, sem a ajuda de novos financiamentos dos bancos, e assim reforçou sua posição nas negociações. Há uma diferença grande em dizer que só pode pagar 1/3 quando os credores emprestarem outros 2/3, e pagar 1/3 independentemente de receber o restante". Para esta fonte, as negociações estão, no momento, concluindo uma avaliação da situação macroeconômica do Brasil, para então fixar quanto de ajuda deverá ser prevista no pacote de médio prazo, que pode ser concluído até março.



Reuter — 21/08/87

Rhodes: "novos passos importantes"

"O Brasil quer US\$ 7 bilhões, mas os banqueiros acham esta quantia alta demais", observou.

Uma fonte brasileira o confirmou, acrescentando: "Você sabe que estimativas são estimativas. Você pega um balanço de pagamento, vai olhar a inflação mundial, a taxa de juro, o preço do petróleo... cada um tira daí uma conclusão, e a direciona para onde quer".

Esta mesma fonte explicou que os US\$ 85 milhões que foram contabilizados na nota oficial distribuída

anteontem pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e pelo comitê de bancos credores, em Nova York, como "pagamentos não anunciados", são, na verdade, "um resto que ficou dos acordos de 1987". Admitiu que houve um erro no texto distribuído, que deveria apenas destacar que o dinheiro saiu das próprias reservas brasileiras, e não do pacote interino que foi assinado.

Os juros de janeiro já foram fixados em US\$ 765 milhões, em US\$ 852 milhões e em US\$ 940 milhões, por causa da oscilação provocada pelo pagamento de juros em terceiras moedas. Qual seria a quantia certa? "Não temos o número exato", respondeu um negociador brasileiro, "mas você não estará cometendo nenhum erro se ficar entre US\$ 940 e US\$ 950 milhões".

Numa nova nota oficial distribuída ontem em Nova York, no final da tarde, William R. Rhodes, o presidente do comitê de assessoramento dos bancos credores, diz que o pagamento de US\$ 350 milhões, e mais a declaração do governo brasileiro divulgada anteontem, sobre a dívida externa, "são novos passos importantes para a normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional".

A nota, assinada também pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, informa que dos US\$ 1,9 bilhão pagos aos bancos nas últimas cinco semanas, US\$ 900 milhões saíram das reservas brasileiras.